

O trabalho de reflexão em torno do qual construo esta comunicação tem como objectivo identificar e problematizar, sujeitando-as a debate e crítica, algumas hipóteses sobre eventuais relações estabelecidas, na obra poética de Manuel Gusmão, entre dialogia e dialéctica. Ou, caminhando no sentido da aproximação ao objecto do trabalho, entre o conceito de dialogismo, apropriado por Gusmão, a partir de Mikahil Bakhtin, para o terreno da poesia, e os instrumentos teóricos fornecidos pelo materialismo histórico e pelo materialismo dialéctico, elaborados por Marx e Engels.

Como pergunta de partida, a questão pode ser formulada da seguinte forma: em que medida as relações dialógicas que intencionalmente se multiplicam na poesia de Manuel Gusmão, autorizam uma leitura que as considere, simultaneamente, como opção poética e como procedimento e prática de um método de compreensão da *dialecticidade do real*?

Encontrando-me, actualmente, numa fase inicial da investigação, esta abordagem procura, em primeiro lugar, a sistematização de alguns pressupostos teóricos e respectiva contribuição para o confronto que pretendo suscitar. Nesse sentido se procurará trazer à reflexão algumas das principais aquisições e conceitos originários dos campos teóricos apontados e, posteriormente, a partir do itinerário aí sugerido, propor um olhar sobre alguns aspectos presentes na obra *A Terceira Mão*.

É neste sentido que se estruturará a comunicação de acordo com três tópicos que esquematicamente se apresentam, bem como algumas das questões às quais cada um deles gostaria de propor possibilidades de resposta:

§ 1

Algumas considerações a propósito da natureza das relações dialógicas na elaboração de Bakhtin. Sua índole específica. Formas e graus de alteridade. O *terceiro* como elemento constitutivo do enunciado total. As relações de sentido. A compreensão responsiva “silenciosa” ou de “efeito retardado” do género lírico (Bakhtin) em confronto com *a poesia pedindo resposta* (Gusmão).

- De que forma, a alusão ao discurso de outros e a sua transferência para o interior do próprio enunciado, reproduz no seu interior relações análogas às relações das réplicas do diálogo, apontando para a valorização da função comunicativa da linguagem?

- Em que medida, apropriando-se das propostas de Bakhtin, Manuel Gusmão reelabora (na produção teórica) e traduz (na produção poética), a ideia de que toda a compreensão é de natureza “activamente responsiva” ?

§ 2

Algumas considerações a propósito da dialéctica marxista. Materialismo dialéctico e materialismo histórico. A realidade como processo. Contradição e processualidade. Movimento. Temporalidade e historicidade. Alusão à arte como *configuração antropológica aberta* (Gusmão)

A prática como processo de materialização de possibilidades.

- Quais as marcas possíveis de encontrar, quer na produção teórica, quer na produção poética de Manuel Gusmão, decorrentes da compreensão determinada pela dialéctica

marxista? Que importância têm, nomeadamente, uma concepção do real como processo de e em desenvolvimento, no qual movimento, contradição e temporalidade desempenham um papel fundamental? Que relações se podem estabelecer entre estes pressupostos e o trabalho que opera sobre os textos de outros, explorando as possibilidades lógicas e semânticas que eles continham no texto de origem?

- Que importância se pode atribuir e estabelecer, e que relação pode existir, entre esta prática (poética) e a categoria marxista da prática, correspondente à acção humana que transforma, a partir das possibilidades reais projectadas por cada situação/realidade concreta?

§3

A Terceira Mão. Dialogismo como elemento intencional, estruturante e configurador da “arquitectura” do livro. Relações leitura-escrita. Estrutura e contingência - análise lógica e análise histórica. Constelação de tempos. *Várias vezes três.*

- É possível surpreender nesta obra, em especial no poema *A terceira mão de Carlos de Oliveira*, a projecção de algumas das possibilidades apontadas anteriormente?

- De que forma se revela a intenção conformadora de admitir e sujeitar a poesia a uma atitude responsiva?

- Em que medida se assume e explora a contingência inerente aos momentos da leitura e da escrita?

- Qual o papel da contradição entre *dois que nada nem outrem ligariam*? E como interpretar, neste contexto, a advertência de que [Carlos de Oliveira, Herberto Helder e Luiza Neto Jorge] não são *os três momentos da dialéctica hegeliana* ?

Referências bibliográficas:

BARATA-MOURA (2010), *Estudos sobre a ontologia de Hegel – ser, verdade, contradição.* Lisboa: Edições Avante!

_____ (2016), *Ontologia e política – Estudos em torno de Marx II.* Lisboa: Edições Avante!

BAKHTIN, Mikhail (2003), “Os géneros do discurso”, *Estética da Criação Verbal.* São Paulo: Martins Fontes, pp. 261-306

_____ (2003), “O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”, *Estética da Criação Verbal.* São Paulo: Martins Fontes, pp. 307-335.

_____ (2003), “Apontamentos de 1970-71”, *Estética da Criação Verbal.* São Paulo: Martins Fontes, pp. 367-391.

ENGELS, Friedrich (2018) “Introdução à ‘dialéctica da natureza’”, *Obras Escolhidas*, Tomo III. Lisboa: Edições Avante!, pp-43-60.

GUSMÃO, Manuel (2010), “Da poesia como razão apaixonada 3”, *Tatuagem & Palimpsesto – da poesia em alguns poetas e poemas.* Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 60-79.

_____ (2013), “A Terceira Mão”, *Contra todas as evidências III.* Lisboa: Editorial “Avante!”, pp. 15-71.

_____ (2013), “Uma regra de poética que é também uma regra política”, *Contra todas as evidências III.* Lisboa: Editorial “Avante!”, pp. 163-166.

MARX, Karl (1991), *A miséria da filosofia.* Lisboa: Edições Avante!